

Entrevista

“Não lutamos apenas por políticas para as mulheres, é também pela participação das mulheres na política”

As servidoras Ana Lady (Câmpus Marechal Deodoro), Andréa Moraes (Câmpus Maceió), Geice Silva (Câmpus Coruripe) e Natália Freitas (Campus Maceió) fizeram parte do grupo de mais de 250 mulheres, representantes de 44 seções sindicais das cinco regiões do país, que construíram o 1º Encontro de Mulheres do Sinasefe.

Após três dias de intensos debates sobre gênero, opressões, violência, diversidade, conjuntura, entre outros assuntos, as presentes defen-

deram, em manifesto, “fortalecer a nossa organização, compartilhar experiências e saberes e estimular a solidariedade entre as mulheres trabalhadoras”, compreendendo a luta das mulheres como parte da luta geral da classe trabalhadora.

Para compartilhar um pouco da experiência do encontro, as servidoras Andréa e Natália concederam entrevista ao Informativo Sintiefal e falam, nesta edição, sobre temas como o sindicalismo, luta por direitos, feminismo e muito mais.

Ascom Sintiefal – Como surgiu o Encontro de Mulheres do Sinasefe e qual a importância dele?

Natália - Desde 2012, eu acompanho esse debate dentro do Sinasefe e posso dizer que esse encontro é fruto de debates e do movimento que nasceu dentro de uma plena do Sinasefe, denunciando um caso de abuso. Nesse encontro a gente pôde ouvir relatos, que são muito tristes. Nós escutamos servidoras que sofreram tentativa de estupro dentro do seu espaço de trabalho. Esse foi um encontro que provocou várias reflexões, mas que ainda precisam chegar dentro dos sindicatos e serem assimiladas como um conjunto de pautas e ações cotidianas dos sindicatos.

Ascom Sintiefal – Qual a atitude de você espera do Sintiefal em rela-

ção às pautas das mulheres?

Natália - Homens e mulheres precisam entender as demandas das mulheres como demandas da classe trabalhadora. Por mais que essa gestão tenha um diferencial e seja comprometida com a luta das mulheres, ainda assim não consegue tocar essa luta a não ser em momentos e datas mais pontuais.

Por exemplo, a gente não tem creches nos Institutos Federais, nem para estudantes nem para servidoras, e são pautas históricas que a gente não consegue tocar nem localmente nem nacionalmente e que se somam ao conjunto das lutas por direitos. A força que as mulheres tem tido nos últimos anos ainda precisa se reverberar dentro do movimento sindical.



Ascom Sintiefal – Como é esse espaço da mulher hoje dentro do movimento sindical?

Andréa – A gente vive um momento histórico muito específico, depois do impeachment, principalmente, o que muita gente tem chamado de primavera feminista. É interessante como esse movimento tem crescido e ganhado mais visibilidade. Como esse movimento aparece dá-se a impressão que em todos os espaços temos avançado. Mas, na verdade, a gente tá se tornando mais visível. A gente vai às ruas lutar contra o patriarcado estrutural. Mas, muitas vezes, a gente tem dificuldade de lutar dentro das instituições que nós estamos. Muitas vezes a gente é colocada no papel secundário, nos são delegadas determinadas funções que supostamente seriam de mulhe-

res. Mesmo sendo sindicalista, de esquerda, tratando com educação, a gente precisa compreender que o machismo é perpassado pela lógica patriarcal tanto para homens quanto para mulheres.

A nossa inserção [no movimento sindical] ainda é muito tímida e muitas vezes, mesmo que não seja algo consciente, os homens ainda continuam assumindo um papel de pautar, de falar por e de não dar voz às mulheres. É necessário que nos espaços políticos as mulheres se coloquem na luta dos trabalhadores de maneira mais ampla e menos restrita, tenham mais voz não apenas em temas que são tratados como temas de mulheres. Não lutamos apenas por políticas para as mulheres, é também pela participação das mulheres na política.

Ascom Sintiefal – Mas, é só no movimento sindical que isso acontece?

Andréa - Ainda é muito tímida nossa participação de maneira geral. Precisamos estimular cada vez mais, a ideia das mulheres como sujeito histórico fundamental para mover as estruturas. Nós estamos, sim, estudando, nós estamos, sim, lendo, mas enquanto participação política, movimento social, ainda estamos ocupando muito pouco esses espaços políticos, inclusive nos Institutos. É preciso chamar as mulheres para ocuparem esses espaços. Não apenas os espaços reservados às mulheres, mas também os espaços políticos de maneira geral. Ou melhor, todos os espaços porque, realmente, lugar de mulher é onde ela quiser.

Ascom Sintiefal – Por que as mulheres precisam lutar por seu espaço e por igualdade?

Andréa – A mulher foi alijada, ao longo da história, do acesso à vida pública. Desde que a mulher se entende por sujeito social, ela busca encontrar o lugar dela socialmente falando. Já na Grécia, as mulheres tentavam encontrar um meio de tornar suas existências pública, mostradas como sujeitos. O próprio feminismo nasce nas lutas por direitos, o direito à escolarização, ao voto, ao aborto, ao divórcio. E só com o feminismo a luta das mulheres obtém uma tônica e uma força que ganha dimensão política e coletiva maior. Surge da busca do que são considerados “direitos universais do homem”, mas que não incluía as mulheres nesse processo.

Ascom Sintiefal - E como essa luta das mulheres se manifesta hoje?



Andréa Moraes e Natália Freitas acusam o Estado patriarcal de negar os direitos das mulheres

Natália – Estão tentando interditar os poucos direitos conquistados pelas mulheres e essa interdição tem vindo de forma muito agressiva, desde os espaços públicos, onde a gente atua, até nos nossos locais de trabalho. Esse retrocesso de ideias e essa tal legitimidade com que as religiões, principalmente a evangélica, tem se intitulado para poder interditar o direito de fala da mulher é algo muito sério. No meu ver, não tem como fazer uma avaliação desse cenário sem ver o retrocesso no campo da política.

Ascom Sintiefal – Você pode nos dar um exemplo?

Natália - O direito ao corpo é uma das principais pautas para a gente pensar, inclusive, outros direitos, uma vez que a gente tem visto avanços das violências contra as mulheres e esse avanço vem corroborado com o discurso de que o corpo da mulher é de qualquer um menos dela. A gente vê esse discurso

até dentro do espaço de sala de aula, uma vez que esse discurso conservador chegou às escolas.

Nos últimos três/quatro anos, a quantidade de estupros coletivos que têm acontecido em diversos países, não é algo específico do Brasil, tem feito que as mulheres a nível mundial tenham ido às ruas. É uma tônica que dialoga, inclusive, com o conjunto de retrocessos provocados por essa crise econômica mais recente. Uma vez que, em crise, os setores mais frágeis historicamente são os que mais são atingidos e as mulheres estão dentro desses setores.

Andréa - Isso também foi manifestado na reforma trabalhista com a questão da insalubridade para mulheres grávidas ou lactantes. Para você ver que sempre tem a ver com o corpo. É o médico quem deve determinar se aquela mulher está apta ou não para trabalhar em ambientes considerados insalubres. Era um direito já dado para ela e com a refor-

ma trabalhista a mulher começa a perder.

Ascom Sintiefal – Como atuar dentro do IFAL para garantir direitos?

Natália - Para que possamos movimentar essa estrutura e essa realidade é pensar nossa organização, que passa pela questão teoria, mas que é fundamentalmente política. Uma das coisas que a gente tinha pensado é uma organização que incorporasse os três segmentos. Parar de tratar questões de estudantes e questões de servidor como questão de servidor, porque esse assunto atravessa a nossa realidade e não tem como a gente entender aqui que toca apenas uma categoria, é algo toca a mulher. A gente precisa dar uma resposta porque ninguém tá imune de sofrer quaisquer tipos de violência e, para isso, precisamos atuar também com o sindicato, incorporando essas questões no cotidiano.



1º Encontro de Mulheres do Sinasefe

O 1º Encontro Nacional de Mulheres do SINASEFE aconteceu entre os dias 23 e 25 de março de 2018, em Brasília, com a participação de mais de 250 mulheres, representando 44 Seções Sindicais das cinco regiões do país.

O evento resultou na publicação de um manifesto e de resoluções que deverão ser aprovadas nas próximas Plenárias Nacionais do Sinasefe. Para saber sobre, acesse: <http://sinasefe.org.br/mulheres>